

Blumenau



em cadernos

TOMO XXV

Fevereiro de 1984

Nº. 2

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING
IND. E COM. DE CONFECÇÕES BLUMALHAS LTDA.
COMPANHIA TEXTIL KARSTEN
MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.
CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.
SUL FABRIL S/A.
COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES
EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE
LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTÂNEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
MCELLMANN COMERCIAL S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXV

Fevereiro de 1984

Nº. 2

SUMÁRIO

Página

Diário de Viagem do Imigrante Paul Schwartzler	34
"Projeto Nova Blumenau" apresenta relatório de 83	37
Cinema em Blumenau	40
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau	42
Wolfsburg — Alemanha promove Blumenau	45
Aconteceu	46
Autores Catarinenses	48
Dom José de Camargo Barros no Vale do Itajaí	50
A História de Blumenau revela:	59
Heinz Hartmann	61
Como Preparar o Espírito Cívico das Crianças?	64

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 2.500,00

Número avulso Cr\$ 200,00 -- Atrasado Cr\$ 250,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 3.000,00 mais o porte Cr\$ 2.000,00 total Cr\$ 5.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - SANTA CATARINA - BRASIL

DIÁRIO DE VIAGEM DO IMIGRANTE

PAUL SCHWARTZER

(Continuação do número anterior)

Quarta-feira, 24 de dezembro de 1862

Hoje pisamos pela primeira vez no solo brasileiro, mas a cidade de Rio Grande não causava uma impressão muito agradável para mim, não se vê nas ruas nada mais do que negros e portugueses de barbas pretas, as mulheres e filhas destes, conforme o costume da terra, so deixam a casa muito raramente. As ruas são muito ruins e sujas, a gente caminha nesta terra como na neve na Alemanha, nesta época do ano.

Encontrei alguns alemães aqui.

Nos jardins da cidade, que só são muito pequenos, vi laranjeiras e coqueiros com suas magestosas copas, pessegueiros, etc.

A santa noite de Natal não é festejada aqui tão solenemente como na Alemanha, somente com alguns alemães eu vi árvores de Natal, as quais, na falta do aqui inexistente pinheiro, eram representadas pelos muitos abundantes jovens ciprestes.

Nós passageiros festejamos esta noite santa e também os feridos, muito singelamente a bordo do Amor, o qual não podemos abandonar enquanto nossos documentos não forem examinados pelos funcionários alfandegários locais. A noite de hoje desejo sinceramente conviver em volta dos meus, na pátria, mas só posso em pensamentos, porém estes estão inteiramente lá.

Quinta-feira, 25 de dezembro de 1862

Hoje de manhã fui novamente em terra para visitar uma igreja e levar lá a Deus meus agradecimentos pela felizmente sobrevivida viagem marítima, o que já no mar, era meu desejo mais íntimo e cuja realização o bondoso Deus concedeu. Entrei numa igreja, entretanto não havia missa e, exceto algumas negras, não havia ninguém na mesma. Ela era um pouco sombria e achei-a assim como já havia lido sobre igrejas espanholas e portuguesas, na mesma não havia bancos, como na Alemanha, pois os nativos desta terra assistem a missa ajoelhados. Diante da imagem do altar-mór, se é que existe algum, somente uma cortina de lã e de ambos os lados, diantes dos altares menores, as estátuas de diversos santos em maravilhosas vestimentas, em tamanho natural.

Também uma piedosa irmã, pelo menos por tal tomei a dama, encontrei ajoelhada diante de um altar. Após ter deixado a igreja fui até os arredores da cidade para dar uma olhada em sua cercania, a qual, entretanto não achei especialmente bonita, porque é arenosa e

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

completamente estéril, mas encontrei bonitas Cactáceas e Aloés (bananas selvagens) as primeiras com bonitas flôres e de desenvolvimento bem alto, também arbustos com folhas de folíolos bem delicados, parecidos com o "Noli me tangere" (13), mas ainda mais delicados do que estes, mas que também pertence às Acácias, e provido de espinhos. No caminho de volta para a cidade, tal como logo hoje de manhã também, senti-me chocado com o senso arreligioso dos nativos desta cidade, pois não se notava nas ruas e nas pessoas de modo algum que hoje era festejada uma festa tão bonita e santa; todas as lojas e comércios permaneciam abertos, como nos dias úteis, até as pessoas trabalhavam como nestes dias; as ruas estavam igualmente sujas, como nos outros dias.

Sexta-feira, dia 26 de dezembro de 1862

Estive hoje novamente em terra com os outros passageiros e me foi oferecido hoje uma colocação como guarda-livros, por um comerciante local, a qual eu também gostaria de aceitar, mas me foi dito que eu deveria voltar amanhã e saber a decisão final do comerciante. Até agora já me havia esforçado em vão para obter uma colocação e eu ficaria bem satisfeito em conseguir a em questão, de outro modo, como eu já havia decidido, teria de ir para a Colônia de São Lourenço, com a família Pantz e Ebert (seu genro), pois aqui já me haviam alertado de que lá eu poderia fixar-me, possivelmente como mestre-escola.

Sábado, 27 de dezembro de 1862

Quando fui, hoje pela manhã, 8 horas, para a cidade, informar-me sobre a colocação oferecida, encontrei, porém, o escritório ainda fechado, e quando por volta das 10 horas disseram-me que nós precisávamos ir à bordo porque nossa bagagem seria controlada, o escritório ainda não estava aberto e eu tive que voltar ao navio sem solução. Logo após nossa chegada apareceram também os funcionários para iniciar a revista, e iniciaram com a minha bagagem, mas a revista era muito superficial.

Agora, nós passageiros, fomos perguntados para onde cada um de nós queria ir e as coisas daqueles que iam para Santa Cruz ou Porto Alegre era posta em um dos botes que estavam prontos para receberem a carga, ao lado do navio, para de lá ser embarcada no respectivo vapor que se destinaria para lá; no outro bote iriam ser postas as coisas de pessoas que iriam para São Lourenço, vi-me portanto em não pequeno embaraço, pois eu não sabia se ficaria aqui ou se iria junto para São Lourenço; porisso fui ao capitão e a um dos funcionários que era um alemão e pedi permissão para ir em terra, a qual também me foi concedida. No comerciante, ao chegar, informou-me o mesmo que gostaria de me empregar, mas eu só poderia iniciar após o Ano Novo em meu emprego, depois só poderia me pagar o salário quando eu estivesse perfeitamente apto em português, entretanto até lá ele me concederia casa e alimentação, além disso, ainda deveria procurá-lo novamente amanhã, para receber uma decisão final. Eu cor-

(13) Não-me-toques.

ri, portanto, de volta ao navio e examinei a situação bem, verifiquei entretanto, logo, que eu não poderia passar por isto, pois com que eu atenderia minhas outras necessidades sem fazer dividas? uma vez que tudo aqui era tão caro, eu estava, pois, decidido a ir para São Lourenço, o que eu também, uma vez chegando a bordo, notifiquei ao funcionário alemão, de nome Müller, e assim minha bagagem foi colocada no barco onde estavam as coisas daqueles que iriam para São Lourenço (que, entretanto, compunham-se somente da família Pantz e Ebert), seguindo de lá para a fragata que e dirigia à citada colonia.

Assim nós deixamos o navio Amor, no qual vivi horas alegres mas também horas sombrias. Certo é que nunca esquecerei a viagem neste navio, possa ou terei cem anos de idade.

A despedida dos outros passageiros e dos tripulantes foi curta mas cordial, vários tinham lágrimas nos olhos, pois nós estivéramos juntos um quarto de ano e formáramos também uma família e éramos agora separados pela mão do destino, da mesma forma como nos havíamos juntado e quem sabe se nos veremos algum dia novamente.

Portanto fomos levados para a fragata que, com o próximo vento favorável, estava destinada a velejar para São Lourenço.

Domingo, 28 de dezembro de 1862 (14)

Como hoje também o vento não está favorável, a fragata não pode iniciar sua viagem conosco.

Segunda-feira, 29 de dezembro de 1862

A mesma coisa acontece hoje, nós nos encontramos ainda em Rio Grande.

Terça-feira, 30 de dezembro de 1862

Hoje também ainda não se pode pensar na continuação da viagem, pois o vento ainda está "contrair".

Quarta-feira, 31 de dezembro de 1862

Hoje há vento favorável e assim a viagem seguiu: este pequeno veículo veleja com assombrosa rapidez. Pelo meio-dia chegamos perto da terra, mas a fragata ficou presa no fundo, pois é muito raso aqui. Os dois homens que manobram o barco esforçaram-se ao máximo para pô-lo novamente a navegar, mas não lhe foi possível, porisso nós passageiros fomos postos em um bote e levados em terra para aliviar o barco.

Chegados em terra ficamos maravilhados com a beleza da vegetação, especialmente vovô Pantz estava fora de si pela vista da terra bonita e me gritava sempre uma e outra vez: "Ach! veja o senhor como isto é bonito!" Havia vários arbustos e belas árvores com lindas flores, cactáceas havia igual a colunas gigantes em toda parte, além disso viam-se por toda parte exuberantes aloés (bananas selvagens). E entre todas estas belas vegetações pastavam lindas rezes, isto tudo dava um quadro tão belo que valia a pena ser pintado.

(14) Na colonia São Lourenço.

BLUMALHAS Com as excelentes confecções que produz, projeta o nome de Blumenau exportando para as Américas.

“Projeto Nova Blumenau” apresenta relatório de 83

A recuperação da Rua Hermann Hering, com o patrocínio do material através da Companhia Hering; a edição da cartilha de saúde, para casos de emergência; a recuperação de praças, assumidas por clubes de serviço; instalação de seis núcleos de organização comunitária para defesa civil e a recuperação de escolas do município, com patrocínio de entidades bancárias são alguns exemplos citados pelo secretário executivo do “Projeto Nova Blumenau”, Sr. Vilarino Wolff, no relatório de atividades desse movimento, referente ao ano de 1983. Os trabalhos foram relatados numa reunião promovida pela ADESG — Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, realizada na Sociedade Guarani.

Lembrando que o “Projeto Nova Blumenau” surgiu através da Assembléia dos Cidadãos, convocada pelo prefeito Dalto dos Reis, em 18 de agosto de 1983, o palestrante disse que em 1984 o Projeto deverá produzir ainda mais, com base nas experiências adquiridas em 1983, dentro dos itens básicos que motivaram a sua constituição: a continuidade da recuperação de obras materiais; prosseguir nos trabalhos de organização da comunidade para que aprenda a conviver com as calamidades e, através da Comissão de Contenção de Cheias, criar medidas capazes de solucionar o problema.

O relatório

No relatório de realizações do “Projeto Nova Blumenau”, consta que a Comissão de Reconstrução de Casas e Terrenos, presidida pelo vereador Nelson João de Souza, em sua campanha para arrecadação de material junto à comunidade, conseguiu reunir 35 mil tijolos, 4.530 telhas, 502 chapas eternit, 60 metros cúbicos de areia, além de portas, janelas, assoalhos, táboas, caibros e material sanitário. Com a colaboração de 10 operários da Prefeitura, oito soldados e dois caminhões do 23º. BI, o material arrecadado foi repassado a pessoas que estão construindo ou já reconstruíram suas casas perdidas nas enchentes.

A Comissão de Organização Comunitária para Defesa Civil, coordenada pelo empresário Rui Willecke, instalou um núcleo no bairro Ribeirão Fresco, onde foram tomadas as seguintes providências: colocação de cinco caixas para captação de água potável durante a ocorrência de enchente; construção de um rancho para depósitos de móveis retirados durante as catástrofes; construção de 10 canoas e adquiriu uma tenda inflável de 200 metros quadrados, para abrigar pessoas. Além disso, foi providenciada a instalação de núcleos nos bairros Fortaleza, Vila Nova, Garcia e Itoupava Norte.

A Comissão de Saúde, atra-

vés do Dr. Roberto Buechele, elaborou plano de assistência médica em Blumenau nas situações de calamidades; constituiu folheto sobre cuidados básicos de saúde por ocasião das cheias; realizou trabalhos na elaboração da Carta de Saúde de Blumenau, entre outros serviços.

Édela Bacca, coordenadora da Comissão de Meio Ambiente, fez constar no relatório, o recebimento de 150 mudas de castanheira/sombra; a campanha realizada junto a veículos de comunicação com frases de conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente e proteção à natureza; a importância da reposição da vegetação ciliar às margens dos rios para conter desbarrancamentos e a proposta global em todo o Vale do Itajaí, face a interdependência das comunidades à sua margem quanto à necessidade de medidas uniformes.

A Comissão de Educação, através de sua coordenadora, professora Valquíria Ruthes, realizou reunião com 57 diretores e responsáveis pelas escolas da rede municipal de ensino, estadual e particular, para levantamento da situação causada pelas enchentes em cada estabelecimento escolar; enviou correspondência a 43 prefeituras do estado não atingidas pelas cheias solicitando doação de material escolar e didático-pedagógico para reposição do que foi destruído; manteve contatos com 21 empresas construtoras de Blumenau, Jaraguá do Sul e Camboriú, objetivando material de construção para recuperação

de prédios escolares e enviou correspondência a diversas editoras nacionais e estaduais para obtenção de livros didáticos para as bibliotecas escolares. Além disso, esta comissão recebeu doações de construtoras e particulares e de entidades bancárias, como o Chase Banco Lar Brasileiro, que assumiu a reconstrução da escola Fernando Ostermann; do Banco Bradesco, que está reconstruindo a Escola Machado de Assis e o Clube dos Diretores Logistas, que reuniu Cr\$ 150 mil destinados à Escola João Widemann.

Outras comissões

O relatório do Projeto Nova Blumenau mostra que a Comissão de Contenção de Cheias enviou correspondência ao DNOS e outras entidades pedindo apoio; participou do 1º Seminário sobre Hidrologia e Controle de Enchentes e do Simpósio de Hidrologia e Recursos Hídricos. O Coordenador da comissão, engenheiro Carlos Leonetti, manteve contatos com a FURB para sua integração nos trabalhos da comissão, no levantamento das cotas de enchentes verificada em julho de 1983, além de outras providências.

A professora Sueli Petry, fez constar no documento que a Comissão de Cultura lançou a campanha "Adote um móvel do Museu da Família Colonial", no dia 9 de outubro; realizou visitas ao comércio e indústria em busca de apoio para os objetivos da Comissão e remeteu relatórios dos

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

danos ocorridos na área cultural a vários órgãos públicos e particulares do país. Em livro de ouro, a Comissão arrecadou junto ao comércio e indústria Cr\$ 209 mil; em convênio para revitalização do Museu assinado com a Fundação Casa Dr. Blumenau e Pró-memória, a Comissão recebeu a importância de Cr\$ 7 milhões. Além disso recebeu várias obras de arte para leilão; realizou campanha de arrecadação de livros em favor da biblioteca Pública Municipal; recebeu Cr\$ 1,2 milhão doado pela Associação de Artistas Plásticos de Santa Catarina.

A Comissão de Obras Públicas, coordenada pelo engenheiro Orlando Gomes, fez a reconstrução da Praça Dr. Blumenau, financiada pela Construtora Hayashi; está recuperando o leito da Rua Hermann Hering com material patrocinado pela Cia. Hering e equipamentos da Prefeitura; recuperou a Praça do Estudante, com equipamento cedido pela RB Planejamentos e Construções. A Praça Dois de Setembro, pelo movimento de Escoteiros de Blumenau; a praça Jorge Lacerda, com equipamentos patrocinados pelo Lions Clube Itoupava Norte; a praça Hercílio Luz, com equipamentos patrocinados pelo Lions Clube de Blumenau Centro; praça Pedro II, compromisso assumido pelo Lions Clube Blumenau-Sul. Além disso já foi autorizado pela Secretaria dos Transportes do Estado e com a participação da Prefeitura de Blumenau, a recuperação do Anel Viário Norte, compreendendo a Rua 2 de Setembro, Missões e República Argentina. Também foi iniciada campanha junto ao comércio e

indústria do bairro Garcia visando a recuperação da Rua Amazonas.

O relatório destaca, também, que a Comissão dos Meios de Produção, tendo como titular o empresário Pedro Cascaes Filho, enviou correspondência a todos os deputados e senadores catarinenses para que, em grupo, insistissem junto ao Presidente da República no sentido de sancionar projeto-de-Lei aprovado pelo Congresso Nacional, concedendo moratória de débitos públicos à pessoas físicas e jurídicas atingidas pelas enchentes; o lançamento de uma campanha para reativação da FAMOSC o que redundou na aprovação da idéia que será colocada em prática a partir de janeiro próximo com a denominação de Festival de Verão, entre outros serviços.

Coordenada pelo engenheiro Henrique Bergan, a Comissão de Reformulação do Plano Diretor continua empenhada no trabalho de estabelecer novos parâmetros para a atualização do Plano Diretor da cidade, levando em conta as novas necessidades de Blumenau frente às alterações fisiográficas impostas pelas sucessivas enchentes de 1983.

O relatório aponta que a Comissão de Turismo, coordenada por Harold Letsow, realizou ação junto ao comércio do centro da cidade para que usem muitas flores nas praças, passeios e marquizes de seus estabelecimentos; está planejando um terminal para ônibus de turismo, para oferecer aos visitantes de Blumenau toda a beleza e conforto possível. Esta comissão também está empenhada no lançamento da cam-

panha "O mais belo Jardim de Blumenau", visando reestabelecer a imagem de Cidade Jardim que comporta o Município e que foi duramente atingido pelas enchentes no ano de 1983.

A Comissão de Comunicação Social, tendo à frente o publicitário Francisco Socorro, criou o logotipo do "Projeto Nova Blumenau", elaborou o material de

divulgação com a colaboração de empresas locais e do Estado, composto de camisetas, elos adesivos e jingle que está em veiculação nas emissoras de rádio e televisão de Blumenau; editou 300 livretos explicativos da proposta de ação comunitária que é o Projeto e produziu "out-doors" já exibidos em diversos locais cedidos pela Eldorado Publicidade de Joinville.

CINEMA EM BLUMENAU

Edith Kormann

O "Kinematographen" como era chamado se apresentava frequentemente nos salões do interior do município, onde eram exibidos filmes na maioria sobre a Primeira Guerra Mundial. Um desses filmes foi também exibido no salão Zuège de Itoupava, no dia 16 de outubro de 1915. parece que os filmes sobre a guerra eram muito prestigiados no interior, pois no dia 27 de setembro de 1940, o Cinema Holzwarth Irmãos, programou apresentações de sete jornais da UFA sobre a Segunda Guerra Mundial nos seguintes locais: salão Kirsten de Salto, Jensen de Itoupava, Heidorn de Pomerode, Wehmuth de Gaspar, Mueller de Timbó, Hardt de Indaial, Koehler de Encano, Hofes de Warnow. Nos filmes apareceram cenas de guerra na Polônia, Noruega, Bélgica, Holanda, França, e as armas usadas na guerra. Os adultos pagavam 2\$000 Rs. e crianças 1\$000. Também no Teutônia as apresentações eram freqüentes e no dia 14 de janeiro de 1916, a convite de Freitag, foi exibido o filme "Die Seeschlacht bei den Falklandinseln" (O massacre marítimo nas ilhas Falkland).

O cinema invadiu a cidade, e no dia 24 de novembro de 1917, no salão Katz (prédio onde funcionou a Casa Kieckbusch e hoje demolido), foi inaugurado o "CINEMA IDEAL" com filmes especiais de dia para crianças e à noite, para adultos, foi exibido o filme "A noite na montanha" e ainda a série "O vestido branco".

O filme "O teatro e a vida" depois de exibido no Teutônia no dia 11 de dezembro, foi exibido também no salão Holetz nos dias 13 e 14 de dezembro de 1917. Entre outros filmes, foram apresentados no salão Holetz: "Intrigas de amor", "Na companhia de satan", "O filho da prisioneira", e "A fogueira", todos em 1917.

Em 1918, além dos filmes "Os mistérios de Nova York", "O ve-

nenho do ouro", "O poder soberano" e o "Grito do Ipiranga", no dia 26 de janeiro de 1918, foi realizado o grandioso festival do "Tiro 475" e homenageado o sargento Abílio Gomes Chacon, sendo apresentado o filme "A parada de 7 de setembro no Rio de Janeiro". Os filmes se sucedem e os mais comentados na época foram: "O simpático Jim", "A filha da estrada de ferro", "Amor e ódio", "Amor de dançarina", "Rosa de Granada", "A martelada do leiloeiro", "A princesa", "Será homem ou mulher?", "Nos tempos de Trafalgar", todos exibidos no salão Holetz.

Em 1919, o cinema que funcionava no salão Holetz, recebeu o nome de "BUSCH'S KINO" (cine Busch), nome do empresário Frederico G. Busch, de larga visão, que entre outras empresas obteve a concessão da Empresa Força e Luz para Blumenau em 1905. Entretanto numa quinta-feira à noite, precisamente no dia 10 de março de 1906, o "Kinematographengesellschaft Star Com." (Sociedade Cinematográfica Star & Cia.) fez sua primeira apresentação no salão Holetz anunciando a luz elétrica no local. Muitos blumenauenses viram pela primeira vez a luz elétrica que a Sociedade Cinematográfica Star & Cia. apresentou produzida por um motor e dinamo de sua propriedade. As cenas apresentadas foram claras e algumas foram muito aplaudidas principalmente "Der Koffer aus Barmen" (o baú de Barmen), "Der mysteriöse Schrank" (O armário misterioso) "Der wunderbare Bienenkorb" (A maravilhosa cesta de abelhas) "Ehre eines Vaters" (Honra de um pai) e os episódios das minas de carvão com suas alegrias e tristezas em 8 quadros. A apresentação esteve bem concorrida.

Entre os filmes apresentados em 1919, além da grande função em comemoração da batalha de "Tuyuty" foram apresentados: "Romance de um rio", "De marquês a Gigoletti", "Na região de Nancy", "A guerra européia", "A garotinha", "O tonto", "Os vampiros", "Olho de lince", "Miss Ciclone e os sete pecados mortais", "O fogo" e o grande programa do dia 25 de setembro sobre o tema "Die Vereinigten Staaten im Kruege" (Os Estados Unidos na guerra). No dia 2 de outubro foi exibido o filme "A epopéia francesa" e da fábrica Pathé de Nova York foram exibidos "Willy e o paraquedas", "O romance de Josepha", "Pela pátria" e outros mais.

Desde 21 de abril de 1900, quando G. Koehler apareceu no Teatro "Frohsinn" com o "Kinematographen" ou fotos móveis, e Eduard von Schultz com os primeiros vinte e oito curta metragens, e que foram apresentados em 28 de abril de 1900 em Indaial por Hake, e 18 e 19 de agosto por Eduard von Schultz também em Indaial, o "Kinematographen" evoluiu bastante.

O blumenauense assistiu pela primeira vez a um filme "COLORIDO" no dia 26 de junho de 1921, quando o Cine Busch anunciou o filme "Der Fluch der Vergangenheit" (A maldição do passado). No dia 23 de julho de 1921, no Cine Busch, o blumenauense assistiu a uma programação dupla ou seja "Konzert-Kino (concerto-cinema) com a orquestra "Nichtdranzutippen" (Não me toques) com excelentes mú-

sicas e ainda o filme colorido "Das Missgeschueck" (A adversidade). Com o filme "A Senhora do Mundo" exibido no dia 16 de março de 1922, foi mostrado o avanço da cinematografia alemã, cujos filmes, logicamente, eram preferidos pela comunidade blumenauense. Era comum na época aparecerem filmes com legendas em letras góticas, como por exemplo o filme "Herbstmanöver" (Manobras de outono), exibido no dia 3 de fevereiro de 1928 no salão Holetz.

Apesar de o Teatro "Frohsinn" apresentar vez por outra um filme como no dia 22 de setembro de 1925, quando foi exibido "O circo da vida" com os grandes artistas Pola Negri e Harry Luedke, essas apresentações com o tempo cessaram e o Cine Busch que já funcionava regularmente no salão Holetz continuou com suas apresentações que foram ininterruptas, ilimitadas e continuaram até 1940 no salão Holetz, quando foi reformado. O projeto da reforma é de autoria do arquiteto Fransisco Treska Jr., datado de 27 de julho de 1939. O responsável pelo projeto foi o engenheiro Antonio Victorino Ávila Filho. O projeto foi aprovado pela Prefeitura Municipal de Blumenau sob nº. 7 de 11 de janeiro de 1940. Assinaram ainda o projeto Frederico Guilherme Busch Jr. e Wilhelm Mahnke. Os trabalhos de reforma foram iniciados, e para evitar que o blumenauense ficasse sem cinema, as exibições foram realizadas no salão do Clube Náutico América, que foi adaptado para satisfazer aos amantes da sétima arte. O primeiro filme exibido no Clube Náutico América foi "Charlie Chan em Honolulu", no dia 13 de fevereiro de 1940.

(Continua no próx. número)

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

O ENCONTRO COM FERNANDO HACKRADT

Tão logo o Dr. Blumenau deixou o gabinete do ministro Miguel Calmon, foi ao escritório de Paul Sohroeder providenciar sua viagem ao Rio Grande do Sul e lá encontrou o comerciante-viajante de firmas alemãs no Brasil, Fernando Hackradt, que também ali estava pelo mesmo motivo.

Depois de se apresentarem mutuamente travaram relações so-

pre a viagem e acabaram almoçando juntos para melhor conversarem sobre outros assuntos.

— O sr. Fernando por acaso conhece bem a Província de Santa Catarina? — Perguntou, interessado e curioso, o Dr. Blumenau.

— Como viajante comercial já estive duas vezes lá, isto é, no Desterro, sede da Província, e já fui também, e onde irei nesta viagem, até a vila do Santíssimo Sacramento do Itajaí, freguesia que

fica à margem direita da foz do Itajai-Grande, ou Itajai-Açu como chamam também.

— É justamente o Vale do Itajai que fica as margens do Itajai-Açu que eu tenho o máximo interesse em visitar, sr. Hackradt.

— Mas... para que, Dr. Blumenau?

Depois de contar todo seu plano de colonização, o Dr. Blumenau consultou ao sr. Fernando Hackradt se ele se interessava em ser seu sócio, deu tempo para que ele pensasse e combinaram um encontro na Vila do Itajai, caso ele se interessasse pela proposta que lhe fazia o Dr. Blumenau.

Durante a viagem do veleiro, Hackradt e o Dr. Blumenau conversaram muito sobre a colonização, e ele confessou-se de fato interessado pelos grandes planos do Dr. Blumenau. Era meados de 1847, Fernando Hackradt saltou no Desterro e o Dr. Blumenau seguiu rumo ao Rio Grande do Sul, certos de que se encontrariam no começo de 1848, na Vila do Santíssimo Sacramento do Itajai.

I

No Desterro, onde o veleiro se demoraria três dias, o Dr. Blumenau saltou em companhia de Hackradt, que aproveitou para apresentá-lo a alguns amigos alemães que já de há muito residiam na ilha.

— Vou lhe apresentar, Dr. Blumenau, patrícios nossos que já moram aqui no Desterro há muito tempo.

— Eu já estive aqui e já fui até a Vila do S. Sacramento do Itajai por terra, mas não tive sorte, fiquei doente e como lá não havia

nem médico nem farmacêutico, voltei numa sumaca para o Desterro.

— Ah!... Então já conhece a Vila do Itajai?

— Cheguei lá tão doente que só deu tempo de regressar na sumaca que estava prestes a zarpar para aqui. Confesso que não vi nada.

Hackradt procurou em primeiro lugar seu amigo de Mecklemburgo, Amdress Karl Ebel, apresentando-o ao Dr. Blumenau.

— Aqui está, Dr. Blumenau, um nosso patrício que além desta charutaria tem também uma pequena máquina de arroz.

— Muito bem, Sr. Ebel, e como vão os negócios?

— Dr. Blumenau, dá para se viver. E o que vem o Sr. fazer na ilha?

— Estou apenas de passagem para o Rio Grande do Sul, devendo regressar logo no começo do ano para visitar a Vila do SS Sacramento do Itajai.

Hackradt entrou na conversa e explicou os planos do Dr. Blumenau para seu amigo que achou muito interessante.

— Só espero que o sr, Dr. Blumenau, encontre por lá terra boa e lugar seguro para implantar sua colônia.

— Lugar seguro, como assim, sr. Ebel? — Perguntou curioso o Dr. Blumenau.

— Fala-se que por lá existem muitos índios.

— Mas são índios pacíficos os chamados botocudos coroados, sr. Ebel.

— De fato Dr. Blumenau, são de boa índole e perfeitamente domesticáveis, não constituindo

problemas sérios que entravam a colonização.

O Dr. Blumenau comprou fumo para seu cachimbo e cigarros e foram em seguida visitar o outro amigo de Hackradt, que era um próspero comerciante, Ulrich Huberle. Em companhia deste se demoraram e almoçaram e já era quase noite quando o Dr. Blumenau em companhia de Hackradt pernitoitou na mesma pensão que Hackradt se hospedou. Dois dias depois rumava para o Rio Grande do Sul.

II

Era seu intuito demorar-se no Rio Grande mais tempo do que a primeira vez que lá esteve, já que precisava fazer um relatório preciso sobre toda a colonização e, conforme prometera, remeter uma cópia para seu amigo, o ministro Miguel Calmon.

Tinha ele em mira, principalmente, as colônias de São Leopoldo, Três Forquilhas e Torres. São Leopoldo, célula-mater da colonização alemã no Brasil, contando aproximadamente 8.500 almas, ofereceu-lhe ensejo para importantes observações.

O Dr. Blumenau empolgou-se com o que vira na colônia São Leopoldo e em seu relatório descreveu-a como um fértil jardim surgido como por encanto, transformando a erma solidão da mata numa comuna assaz florescente e cheia de vigor, e que prosperava, a despeito dos maiores obstáculos

contra influências desmoralizadoras.

Mas, infelizmente, sentia-se magoado porque as advertências de seu amigo Ministro Miguel Calmon, sobre escravos, se transformava numa dura realidade, e foi com muita tristeza que teve de relatar a existência de 154 escravos, dos quais 90 mantidos por alemães!

Em três Forquilhas as coisas se apresentavam menos favoráveis que às margens do Rio Sinos. Ali se achavam domiciliados protestantes oriundos do Norte da Alemanha. Em situação precaríssima encontrava-se a vizinha Torres, onde se haviam fixado Alemães católicos do sul da Alemanha. Ambas as colônias lutavam muito porque não encontravam colocação para os produtos que produziam.

Em São Leopoldo o Dr. Blumenau perguntou ao encarregado da colônia:

— Por que, afinal, os escravos? Não puderam evitar de comprá-los para as suas lavouras?

— Dr. Blumenau, o sr. se esquece que a Província do Rio Grande do Sul foi a última a ser povoada e, é difícil encontrar-se homens livres para os trabalhos do campo e lavoura e só, em último recurso, foram comprados os escravos como solução de poder-se trabalhar e produzir.

— Mas há um contrato com o governo da Província que nós alemães não utilizaríamos escravos em nossa colonização. Não

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

há fiscalização por parte do governo sobre esta falta de cumprimento de cláusula contratual?

— Já fomos fiscalizados e mostramos as razões de termos comprado os escravos, e nos obrigamos a vendê-los tão logo tenhamos os braços livres assalariados para contratá-los.

— De qualquer modo é preciso nos livrarmos dos escravos o mais breve possível para que o

nosso contrato não sofra distorção e mais tarde venha a nos prejudicar. Não se esqueça de que somos estrangeiros e o respeito da Lei é uma suprema obrigação nossa.

— Não se preocupe, Dr. Blumenau, saberemos cumprir o nosso dever.

— Assim espero e desejo ardentemente.

(Continua)

WOLFSBURG - Alemanha promove BLUMENAU

Wolfsburg, uma das mais importantes cidades da República Federal da Alemanha — sede mundial da VOLKSWAGEN, hoje com mais de 50 mil operários — abriu no dia 8 de fevereiro, deste ano, as suas portas para uma das mais notáveis exposições culturais, a “Tri-Centenário da Imigração Alemã na América”. Esta exposição prolongou-se até o dia 28 de fevereiro de 1984.

O professor Dr. Peter Lamberg, recentemente nomeado para o importante cargo de prefeito administrativo daquela cidade, em carta-convite dirigida ao prefeito Dr. Dalto dos Reis, comunicou, que junto à exposição — que contou com o apoio ativo da sede da “VW” — foi apresentada uma exposição especial — “Blumenau no Brasil”. Na exposição, magnificamente elaborada pelo professor Dr. Lamberg, foram exibidos grandes painéis - ilustrados com fotos, desenhos e gráficos — contando a história de Blumenau desde a sua fundação em 1850 até a data de hoje.

Lembramos, que o professor Dr. Lamberg — ainda como prefeito administrativo da cidade alemã de Braunschweig — esteve em visita a nossa cidade, há dois anos passados, no dia de sua fundação, entregando ao tráfego a “Rua Braunschweig”, situada no “Portal da Saxônia”, no bairro da Ponta Aguda.

Segundo o sr. Alfredo Wilhelm, correspondente em idioma alemão da Prefeitura, o prefeito Dalto enviou um Telex no dia da abertura da exposição sobre nossa Blumenau, lamentando não poder participar do importante evento para a nossa cidade, motivado pelos inúmeros problemas causados pelas catastróficas enchentes e enchurradas dos últimos tempos.

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.
--

— DIA 4 — Depois de permanecer fechado por cinco meses (desde as enchentes de julho de 83) foi reativado o Hospital Santo Antônio. Apesar de voltar a funcionar com sua capacidade de atendimento reduzida à metade, e com cinquenta funcionários a menos, a direção do Hospital anunciou que o corpo clínico continua com 44 médicos, assessorados por uma equipe de atendentes e enfermeiras do mais alto padrão.

* *

— DIA 4 — Neste dia, em cerimônia realizada no salão nobre da Prefeitura, o prefeito Dalto dos Reis entregou ao comandante do Corpo de Bombeiros uma maleta de emergência médica e um barco inflável à Cruz Vermelha. As doações são parte de uma remessa enviada pela RDA à Prefeitura de Blumenau e destinada a brandar os trágicos efeitos das enchentes de julho de 83.

* *

— DIA 5 — Assumiu interinamente a Prefeitura de Blumenau o Vice-Prefeito Dr. Paulo Oscar Baier. O novo Prefeito permanecerá no cargo trinta dias, período em que o titular Dalto dos Reis ficará em gozo de férias.

* *

— DIA 6 — Segundo o relatório distribuído pelo SAMAE (Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto) Com 1.263 novas ligações domiciliares em 83, mais de 6.315 munícipes foram beneficiados com o fornecimento de água tratada em Blumenau.

* *

— DIA 8 — Apesar da morte do Sr. Udo Schadrack, o morro do Spitzkopf será preservado. A declaração foi feita a imprensa (JSC) pela família Schadrack, proprietária das terras, que manifestou seu desejo de preservar intacta toda aquela área.

* *

— DIA 10 — De 8 a 10 de janeiro estiveram reunidos em Blumenau, participando de um fórum de debates, integrantes da União dos Escoteiros do Brasil — Região de SC. Segundo os organizadores o objetivo do encontro foi ouvir os jovens que fazem escotismo sobre suas aspirações.

* *

— DIA 14 — A revista Dirigente Municipal, volume XIV, de nov/dez 83, revelou que Blumenau ficou em 31º lugar entre os 500 municípios mais desenvolvidos do Brasil em 1983. Entre os municípios catarinenses Blumenau foi considerado o município mais desenvolvido.

* *

— DIA 15 — Informações veiculadas pela FURB dizem que 1.774 jovens se inscreveram na prestação do Vestibular de 84 naquela Universidade. Revela também a FURB que os cursos mais procurados foram Processamento de Dados (524 candidatos para 50 vagas); Direito (261 candidatos para 50 vagas); e Administração (190 candidatos para 50 vagas).

— DIA 17 — Durante o ano de 1983 o Serviço Municipal de Trânsito de Blumenau registrou um total de 2.958 acidentes. Estes acidentes causaram 847 vítimas com lesões sendo que 20 delas vieram a falecer.

* *

— DIA 18 — A convite da Secretaria Estadual da Indústria e Comércio, diversas entidades de classe e agricultores, reuniram-se no salão paroquial da Igreja Matriz de Gaspar. A finalidade da reunião foi discutir todas as dúvidas a respeito da conhecida corrida do ouro no Vale do Itajaí.

* *

— DIA 20 — Neste dia a imprensa noticiou que os hospitais Blumenauenses possuíam internadas 46 vítimas de desidratação. Desde os primeiros dias de janeiro centenas de Blumenauenses foram atacados pela desidratação. Houve dia em que os plantões dos nosocômios chegaram a atender mais de 20 casos.

* *

— DIA 20 — O Cine Blumenau não voltará mais a funcionar. A declaração partiu do Sr. Herbert Holetz, gerente dos cines Busch/Blumenau. Atingido duramente pelas cheias de julho de 83, o Cine Blumenau foi vendido por seu proprietário Caetano Figueiredo às Lojas Americanas para a instalação de uma filial.

* *

— DIA 22 — Encerrou-se no Teatro Carlos Gomes a 1ª. FOTO-SUL, que versou sobre o tema "Presença do Imigrante na Região Sul". A amostra, realizada pela Coordenadoria Regional da Funarte em Curitiba, reuniu trabalhos de 55 fotógrafos (quatro catarinenses) dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

* *

— DIA 25 — Foi aberto às 18 horas no pavilhão "A" da Proeb, o 1º. Festival de Verão de Blumenau, organizado pela Secretaria de Turismo da Prefeitura. O objetivo maior do Festival é a venda e exposição de produtos da região. Mais de 200 médias e pequenas empresas participam da promoção que, segundo os organizadores, deverá receber uma média de 10 mil visitantes por dia.

* *

— DIA 25 — 8.832 dólares (cerca de 9 milhões de cruzeiros) foram remetidos a Blumenau pelas comunidades alemãs de Weingarten e Reutlingen. As importâncias foram destinadas ao Hospital Santo Antônio, seriamente abalado pelas enchentes de julho de 83. Segundo Marcos Klug, Blumenauense radicado na Alemanha, e que repassou a doação, as importâncias foram conseguidas graças ao êxito da campanha liderada na Alemanha pelo professor Blumenauense Germano Suessegen, que hoje reside em Weingarten.

* *

— DIA 27 — Foi anunciado através da imprensa a existência de um surto de conjuntivite na cidade. Centenas de casos foram registrados. Os consultórios dos médicos especialistas em olhos estão lotados e as farmácias já acabaram com o estoque de medicamento.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

“ESTE MAR CATARINA”

Organizada por Flávio José Cardozo, Salim Miguel e Silveira de Souza, no final de 1983, a coletânea que recebeu o título de “Este mar catarina” (Editora da UFSC — Florianópolis). Com ilustrações de Hassis e análise crítica de Nereu Corrêa, o volume reúne dezoito contos de diferentes autores, tendo como denominador comum o mar que banha nosso Estado, cuja costa é longa e rica de paisagem, física e humana. Os contistas que compõem o livro são de diferentes gerações, predominando, no entanto, o comparecimento dos mais novos. São eles: Virgílio Várzea, Othon D’Eca, Adolfo Boos Júnior, Silveira de Souza, Salomão Ribas Júnior, Holdemar Meneses, Harry Laus, Salim Miguel, Glauco Rodrigues Correa, Emanuel Medeiros Vieira, Amilcar Neves, Guido Wilmar Sassi, Iaponan Soares, Miro Morais, Ricardo L. Hoffmann, Flávio José Cardozo, Raul Caldes Filho e Herculano Farias Júnior. Confesso que o título não me agrada muito, eis que, para mim e outros tantos que moramos nos Estados vizinhos, a palavra CATARINA traz um doloroso sentido pejorativo. Mas é apenas uma questão pesso-

al e portanto um detalhe sem importância.

Em compensação, o ensaio de Nereu Corrêa é primoroso e na sua parte introdutória atinge as alturas da poesia em prosa. Quando descreve e comenta o fausto com que a natureza bordou o nosso litoral, ele contribui para reforçar na alma do leitor a sensação provocada pelas estórias. “De marinhas e marinhistas” focaliza também cada um dos co-autores, destacando em síntese as características de cada um, de modo que tudo mais que se possa dizer seria supérfluo.

Não me furto, mesmo assim, ao desejo de lançar duas ou três observações. Impressionou-me o conto “A pesca das tainhas”, de Virgílio Várzea, o criador do “gênero marinhistas”, que revela conhecer realmente os homens e as coisas do mar, movimentando-se com segurança dentro de um assunto que exige vivência no ambiente recriado e observação aguda do que nele se desenrola. Diria que o seu trabalho assemelha-se ao de um regionalista dos Campos Gerais: é impossível (ou extremamente difícil) a sua prática para quem não tem raízes na região.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

Também Othon D'Eça, com o conto "A penhora do João Saibro", mostra-se um conhecedor. Nessa pequena estória amarga ele mais sugere do que descreve ou relata, como que lançando um esboço para que o leitor participe da sua conclusão. Nas frases curtas ele emprega com precisão a terminologia regional relacionada à pesca e ao mar. Eu, que fui seu aluno e o conheci bem, fico com a sensação de que dele ouvi essa estória de viva voz, naquele seu estilo inquieto e movimentado.

Silveira de Souza, o conhecido autor de "O cavalo em chamas", livro que mereceu grandes aplausos, aqui no Estado e fora dele, contribuiu com "Arrasto", conto produzido em 1958, ao tempo do "Grupo Sul." Sobre ele disse Nereu Corrêa: "Silveira de Souza é um nome pouco conhecido fora de Santa Catarina. Pouco conhecido, não por motivos de natureza artística, mas devido à sua grande modéstia. Creio que ele nunca enviou seus livros a um crítico literário. No entanto, é um dos nossos melhores contistas, capaz de honrar qualquer antologia de autores nacionais. Em alguns de seus contos — nos quais a bem dizer não há narrativa em sequência episódica — a história às vezes transcorre no fluxo da consciência, de que são exemplos "A Clarineta" e "O Charadista", ambos incluídos no livro "Uma voz na praça". Em "O Morto", onde adota uma técnica de abordagem indireta, estão presentes todos os recursos de expressão do autor. Às vezes varia de técnica, como em "O Alto Falante", uma sátira impressionante com toques surrealistas. O apuro da linguagem (apuro não apenas no senti-

do gramatical, senão também estilístico), com os seus períodos curtos, despidos de atavismos literários, lembra, em muitos aspectos, o estilo de Graciliano Ramos. "Arrasto" é uma história flagrada, onde a verossimilhança supre a ausência de efabulação com começo, meio e fim. Embora não seja dos mais típicos do estilo de Silveira de Souza, mostra o vigor e a precisão com que costuma trabalhar as suas histórias curtas, e a versatilidade criativa de um autor que, quando necessário, sabe empregar com igual mestria a linguagem popular nos diálogos com tessitura oralizante". Palavras justas e precisas, que subscrevo integralmente.

Quero ainda dizer aqui uma palavra sobre "O naufrágio do Black Ship", de Guido Wilmar Sassi, que o autor gentilmente me dedicou.

Menino nascido nos campos, como eu, Sassi só conheceu o mar quando mocinho. Leitor incansável, daqueles que se escondiam pelos cantos para não ser interrompido na leitura, seu conhecimento a respeito dele era todo adquirido nos livros, um conhecimento "teórico" que punha em prática no navio "Black Ship". um pinheiro de tronco rugoso e quase negro que sua imaginação punha a percorrer os sete mares em constantes lutas e pilhagens. Um conto memorialista, repassado de sentimento, o sentimento que vai desde a frustração diante da impossibilidade de levar o mar (mesmo que bem pequeno) até Campos Novos e a tristeza com que constatou o corte do "seu" pinheiro — o naufrágio do "Black Ship". É um conto que me fala

muito de perto, eis que envoca lugares e pessoas que me são ou foram caros, além de renovar a atmosfera de nossa terra natal, distante e silenciosa, onde a criança era compelida a alargar sua vida interior diante da indigência de distrações. Escrito com ardor

e sinceridade, o conto de Guido tem a força da obra extraída da própria existência, as únicas que perduram na história literária e nos corações dos homens. Nenhum campeiro, penetrando nestas páginas, deixará de se comover.

Dom José de Camargo Barros no Vale do Itajaí

por Walter F. Piazza

A subordinação eclesiástica de Santa Catarina, até 1890, o era à Diocese do Rio de Janeiro.

Naquele ano, face à Proclamação da República (15.11.1889) os Bispos Brasileiros reconhecendo a necessidade de criação de novas dioceses, face à extensão territorial das já existentes e pelo crescimento populacional havido, resolveram, reunidos em São Paulo, pedir à Santa Sé a criação de novas dioceses.

Tal pretensão foi atendida e a 27 de abril de 1892, pela Bula "Ad Universas Orbis Ecclesiae", do Papa Leão XIII, são criadas novas dioceses no Brasil e entre as recém-criadas está o **Bispado do Paraná e Santa Catarina** — assim nominado naquele documento pontifício —, tendo como sede a cidade de Curitiba e ficando sufragâneo da Sé Metropolitana do Rio de Janeiro, sendo o território catarinense desmembrado da Diocese do Rio de Janeiro e o paranaense da Diocese de São Paulo.

Naquele ano existiam em Santa Catarina 39 paróquias, das quais 22 não possuíam vigários.

Para a novel Diocese foi nomeado seu Bispo **Dom José de Camargo Barros** (nat. Indaiatuba, SP, 1858 — fal., no mar, 1906).

D. José foi escolhido Bispo, pelo Papa Leão XIII, a 11 de janeiro de 1894, e dirigiu-se à Roma, a fim de ser sagrado, tendo tal ato ocorrido a 24 de junho daquele ano.

Retornando da "Cidade Eterna", tomou posse de sua imensa Diocese, cuja parte litorânea catarinense desde 1845 não recebia a vi-

SUL FABRIL. Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

sita de um Bispo, e logo, anunciou, em Carta Pastoral, datada de 24 de fevereiro de 1895, a sua próxima Visita Pastoral.

Assim, de 4 de março a 28 de setembro de 1895, percorreu o litoral catarinense, iniciando-o pela cidade de Florianópolis, seguindo em direção ao sul, até Laguna, e retornando a Florianópolis, ingressa pelo vale do Tijucas e daí passa ao vale do Itajaí-mirim e desce ao do Itajaí-açu.

Esta Visita Pastoral pode ser, hoje, melhor avaliada, pelos "diários" de Dom José de Camargo Barros, que infelizmente não nos chegaram às mãos completos, porquanto de cinco cadernos, dois se perderam. (1)

Desse "diário" respingamos os dados que se seguem.

Depois de ter visitado o sul do Estado e retornado à Capital, ingressou no vale do rio Tijucas, chegando a Nova Trento a 17.8.1895, onde permaneceu até 20 de agosto, indo, naquele dia, a São João Batista e retornando, no mesmo dia, a Nova Trento, onde vai continuar até 25 de agosto, e, de onde partiu às 10 horas da manhã, de 26, para Brusque.

No carro em que Dom José viajou para Brusque, o acompanharam os Pes. Eising, (2), Alberto (3) e Manardi (4).

Na viagem pararam no Km. 16 (depois denominado Aliança, hoje Claraíba), que D. José assim descreveu:

"...A um kilometro de distancia, vieram encontrar conosco as Filhas de Maria com 2 estandartes, e uma turma de homens com o crucifixo na frente e um acompanhamento de mulheres e crianças. Apeamos dos carros e fomos a pé até a igreja que é bem grande, toda de tijolos, mas não está acabada. As meninas e os homens alternadamente foram entoando cântigos. Feita a oração na capella que possui uma bela imagem de N. Sra. do Carmo, dei a benção a todos e o anel a beijar."

E, passando à p. 32 do "diário", prossegue aquele Bispo:

"Em todo o caminho desde Nova Trento até aqui (Brusque) em frente às diversas residências, as estradas estavam enfeitadas com alamedas de palmitos, ora com arcos, com colchas, lençoes, lenços de seda, medalhas de Filhas de Maria, escapulários do C. de Jesus, pellas janelas, etc. Chegamos às 3 horas, e atravessando o rio em uma balsa sem sahir do carro (entra tudo, carro e cavallos, 2 parelhas na balsa) apeamos em casa do Sr. João Bauer (5), que é um magnifico palácio. Aqui nos estava esperando uma recepção brilhante e espetaculosa. Saindo um pouco na sacada do sobrado, me fez um discurso de saudação o Juiz de Direito, Dr. Sálvio (6) e também um tal Sr. Francisco Ezechiel (rábula — maragato). Tomei alli os paramentos e pontificaes, e seguimos para a matriz. Depois que fallou o Sr. Ezechiel, da sacada do sobrado, mandei o Pe. Alberto agradecer ao povo. A proeissão estendeu-se, composta de 2 filas de homens empunhando pequenas bandeirolas, de grande número de virgens, empunhando pámas verdes, de 12 coroinhas, de 3 ordinandos franciscanos, do Pe. Cyriaco, que nos tinham vindo esperar, dos Pes. Alberto e Manardi, do

Vigário e Pe. Frederico Tombrock (7), coadjutor. Tocava a música dos meninos de Blumenau, que aqui veio de propósito. Na entrada observamos as cerimônias do Pontifical, entoando o **Sacerdos et Pontifex** os Pes. Alberto e Eising. Dada a bênção, entoei um Te-Deum, que foi cantado pela música. Fiz a prática e depois dei o anel a beijar a 987 pessoas, estava completamente cheia. Acabada a função viemos para a residência parochial, que é próxima a igreja. No caminho fomos escutados por mais de 100 cavalleiros, empunhando pequenas bandeirallas. Á noite uma bellissima e engenhosa iluminação e bonita *marche aux flambeaux* (com lanternas e transparentes; um **Spiritus Sanctus possuit Episcopos** — outro: **Benvindo seja**. Na *marche aux flambeaux* tocaram os músicos e os italianos ficaram a frente da residencia, entoando canticos. Na volta da passeata o Dr. Juiz de Direito fez uma nova saudação a mim, o Vigario um discurso em allemão, o Juiz de Direito saudou tambem o Pe. Alberto. Agradecendo de novo estas manifestações, levantei um viva á autcridade civil da parochia, outro ás familias catholicas daqui; o terceiro ás familias protestantes. Este ultimo brinde excitou muito o entusiasmo em diversos principalmente num medico protestante, Dr. Blayer (8), moço de 29 annos, que respondendo fez um enthusiasmado discurso em allemão e concluiu dizendo: Viva o nosso Bispo!"

E, continuando pela p. 24v. do seu "diário", D. José prossegue a sua narrativa:

"Eram mais de 9 horas da noite quando dissolveu-se a serenata. Apvoação se achava muito enfeitada. Muitas casas dos catholicos illuminaram as suas frentes."

Na terça-feira, dia 27 de agosto, como de costume, escreveu em seu "diário", ás 11 horas da noite e, naquela hora, respigou as suas observações sobre o dia que se encerrava:

"Á esta hora, se todos não estão dormindo, ao menos está cada um em cada quarto."

Depois fala das cerimônias do dia, as missas, as pregações, e deixa registrado:

"Depois da missa chrimei 435 pessoas. Recebi visitas dos Drs. Juiz de Direito e Promotor, na mesma hora de uma Commissão da Comuna protestante que veio agradecer-me a saudação que hontem fiz ás familias protestantes. A Commissão compunha-se de Carlos Renoth (sic!) (9), ex-deputado estadual, Barão Bitner (sic!) (10) — maragato —, Olinger e Stack (sic!). Ás 4 horas, de novo chrimei mais 50 pessoas e nada mais."

E, referente àquele dia, ainda acrescenta:

"Hoje recebi um telegfama de José Boiteux dando felicitações pela pacificação do Rio Grande, respondi. Mandeí passar um telegrama a minha familia em S. Paulo. Hoje voltaram para Nova Trento — Valle, Dermachi, Rosa; Hyppolito (11) e Dr. Baptista (12) ainda ficaram. Os musicos de Blumenau voltaram hoje."

Aqui, cabem duas observações: o telegrama de José Boiteux é pelo término das disputas entre "federalistas" e legalistas no Rio

Grande do Sul, e a referência à permanência da caravana de Nova Trento em Brusque, por dois dias, demonstra como eram precárias as condições de comunicações (a estrada até hoje, foi um pouco alargada e melhorada!!!).

E, no dia seguinte, 29 de agosto de 1895, deixava D. José de Camargo Barros as terras brusquenses e, à noite, as suas anotações já são escritas em Gaspar.

Eram dez horas da noite quando escreveu:

“Graças a Deus estamos no Gaspar accomodados na casa da familia do Snr. Carlos Hensler, distincto catholico allemão, viuvo, que tem uma filha muito interessante, viva, zelosa, bem-falante, Da. Maria Candida Hensler.”

E, logo refere-se ao início do dia em Brusque:

“Hoje, em Brusque celebrei ás 8 horas (tanto hoje, como ontem), durante a minha missa o Pe. Eising no coro entoou alguns canticos religiosos, depois da missa encommendação das almas na egreja e no cemiterio, depois o chrisma de algumas pessoas. Não fiz a practica de despedida por que havia pouca gente. Ás 11 horas partimos de Brusque em carros, precedidos por 16 cavalleiros. No primeiro carro, eu, Pes. Alberto, Eising e Dr. Juiz de Direito, no 2º. Pe. Cyriaco, Elisiario e Francisco, no 3º. Dr. Promotor, Bauer, Superintendente, Diogo da silva (escrivão, primo de D. Eduardo (13). Antes de chegarmos a Capella do Barracão, dedicada a N. Sa. do Rosário — 14 kilometros — fomos recebidos por um povo com estandartes, cruces, bandeirolas, etc., apeamos e fomos a pé até a Capella, fiz uma pequena allocução, dei a bencam e annel a beijar a mais de 400 pessoas. Aqui nos encontrou a Commissão de Gaspar e perto de 400 cavalleiros, que nos precederam até aqui.”

“Ao chegar em Gaspar fomos recebidos pelo povo, e por mais de 100 moças vestidas de branco. A parochia se acha toda enfeitada com arcos, alamedas de palmitos, inscripções, bandeiras, bandeirolas, de papel, lanternas, etc.etc.”

“Ao chegarmos a porta da residencia o Snr. Ezechiel — sollicitador, aqui residente, escrivão 20 annos (o mesmo de Brusque) fez-me uma saudação concitando o povo a acatar a voz do Bispo, etc.”

“Tomando os paramentos, fizemos a entrada, como de costume, fiz a practica e dei o annel a beijar a 440 pessoas. De Brusque para nos ajudar veio o Pe. Eising, e aqui encontramos os Pes. Gabriel (14) e Pascoal (15), franciscanos. O Pe. Manardi voltou de Brusque a Nova Trento.”

No dia 30 de agosto, sexta-feira, é, também, ás 10 horas da noite, que redige os seus apontamentos e depois de descrever os trabalhos do dia, diz:

“Tempo optimo, noite magnifica, luar poetico.”

E. conclue:

“Ás 4 horas aqui appareceu o Pe. Zeno (16) para combinar sobre a parte de amanhã, mas voltou hoje mesmo. Hoje chrismei 1020 pessoas. Tem me feito boa impressão esta gente de Gaspar, são viçosos,

corados, gordos, brancos. Em nenhum lugar vi tantas... como aqui são também muito religiosos, guardam muito silencio na igreja.”

O dia 31 de agosto, já ingressando na p. 38v. do seu “diário”, fala D. José do início do dia em Gaspar e depois acrescenta:

“... ás 11 horas almoçamos e ao meio dia de carro partimos para aqui, Blumenau. Quando voltamos da igreja encontramos a commissão de Blumenau que trouxe 4 carros (commissão composta dos Snrs. Francisco Margarida (promotor), Schmitz (sub-comissario de policia) e Carlos de tal, etc. No 1º. carro viemos eu, Pes. Alberto e Eising, e o promotor e outros nos outros carros e duas familias.

Víamos precedidos por muitos cavalleiros de Gaspar e no meio do caminho fomos encontrados por outros cavalleiros e por uma banda de musica italiana. Apeamos em uma casa muito fora da cidade (a 1500 metros) por que era a unica de familia catholica. Todas as mais até a igreja são de familias protestantes. Chegamos ás 2 1/2, tomamos os paramentos pontificaes e seguimos em uma procissão enorme. Homens a cavallo, empunhando estandartes, meninos, meninas, freiras, coroinhas, padres, 2 bandas de musica, pallio, coro de cantores, povo. As ruas em toda esta distancia, o pateo e a igreja ricamente e phantasticamente illuminados com alamedas, mais de 200 arcos, bandeiro-las, 6000 lanternas de diversos gostos, tamanhos e cores, inscrições em quadros e em transparentes.”

No dia immediato, 1º. de setembro, domingo, as anotações foram feitas ás 11 horas da noite. Fala, então, de um concerto na sala da escola, com rabecas, lira, e piano tocado a quatro mãos.

Já, no dia 2, após descrever as atividades religiosas, esclarece:

“Hoje chegou Pe. Herculano (17), de Lages. Aqui encontramos Pe. Gregório — Visitador e Comissário interino — e Pe. Serapião, seu Secretário.”

E, acrescenta suas observações sobre as construcões na região:

“Aqui, bem como em Brusque e Gaspar, as janelas tem só vidraça — não tem folhas de madeira.”

Para os dias 3 e 4 de setembro de 1895 as anotações do Bispo dizem respeito, somente, às solenidades religiosas em Blumenau.

Mas, no tocante ao dia 4, há referência à viagem para Itajaí:

“Ás 11 horas, pelo vapor Blumenau partimos para aqui (Itajaí). Até a praia fomos acompanhados pelos Pes. Gregório, Zeno, Cyriaco e muitas familias. Vieram conosco até aqui os Pes. Herculano, Solano e Eising e algumas familias e passageiros. Em Gaspar desembarcamos e fomos tomar um cafésinho com o Carlos Hörschler e voltamos para bordo. Chegamos aqui ás 5 horas, tendo sido encontrado por um rebocador atropetado de gente e por um povo enorme na praia e mais de 100 moças vestidas de branco. Viemos para a residencia e acto continuo tomamos os paramentos e fizemos a entrada solemne como de costume e dei o annel a beijar a umas 800 pessoas.

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

"Boa impressão nos causou na chegada, veremos o fructo."

A 5 de setembro, ainda, em Itajaí, desenvolve, somente, atividades religiosas.

Já, no dia 6, além das atividades religiosas de costume, observa: "Tem havido grande movimento tanto hontem como hoje, vae bem."

No dia 7 continuaram as atividades religiosas.

Dia 8, domingo, o "diário" esclarece:

"Antes do chrisma da tarde (às 4), visita da igreja e depois do chrisma encomendação das almas na igreja. Só estavam presentes o Pe. Alberto e o Vigário, por que o Pe. Eising tinha voltado hoje ao meio dia para Brusque, Pe. Herculano com o Pe. Licinio foi para Camboriu, Pe. Solano tinha ido visitar uma familia. Depois da encomendação, practica de despedida, bençam do Santissimo e beija-mão (mais de 700 pessoas beijaram o anel)."

E, Conclue:

"Agora á noite, fui visitado pelo Consul da Alemanha, o Snr. Conde de Hassebourg (sic!) (18) e por uns 4 ou 5 allemães dos principais daqui, pelo Antonico Liberato (19), Palumbo (20), genro daquelle, Manoel Marques Brandão (21), por algumas familias, etc. etc."

O "diario", no dia 9 de setembro, registra, que é segunda-feira e noticia:

"Partimos ás 10 horas para Camboriu, todos a cavallo. Eu, Pe. Alberto e perto de 50 cavalleiros. Pe. Herculano e Pe. Licinio tinham ido na vespera. Fizemos boa viagem. Tivemos de atravessar o rio Cambriu em baiças, que conduziram os cavallos de 2 em 2; de moço que como eram muitos cavalleiros tivemos que esperar quasi uma hora. Antes de chegarmos ao rio fomos escutados por 2 commissões de Cambrienses e de outro lado do rio nos esperava uma grande turma de cavalleiros com pequenos estandartes. Na entrada da povoação estavam postadas 2 allas de moças vestidas de branco. Dahi fomos a pé até a residencia que foi arranjada na casa do irmão do Pe. Almeida (22). Em acto continuo tomei os paramentos e fiz a entrada solemne conforme o costume."

O dia imediato, 10, ainda em Camboriu e do que, naquela data se passou, diz D. José de Camargo Barros:

"Vi mal e mal os livros e não tive tempo de por o visto, mas notei nelles os seguintes defeitos: falta de rubricas em alguns, uso de tinta roxa, de abreviaturas, de datas em algarismos, falta de livro do tomo, assentos de obitos feitos e assignados pelo sacristão."

São, portanto, observações de grande importância para a avaliação do material à disposição do historiador do futuro.

E, logo, conclue:

"Ás 3 1/3 voltamos para Itajahy, passando pela villa do Garcia. O lugar é bonito, mas a igreja não está acabada. Tivemos uma viagem difficil: animaes bons, mas caminhos ruins, e depois cahiu forte e prolongada chuva, que nos molhou totalmente. Felizmente eu me agasalhei com a capa de borracha do Pe. Alberto e com o guar-

da chuva do filho do Procopio (um itajahiense assassinado pelos federalistas) Chegamos às 7 horas da noite. De Cambriu viemos acompanhados por huns 10 ou 12 homens, que ficaram todos enso-
pados.”

O dia 11 de setembro, ainda fala das atividades religiosas desenvolvidas em Itajaí, onde diz:

“...chrismeí ainda 37 pessoas entre as quaes o Marcos Candell (sic!!!) (23) que segundo elle mesmo me disse fazia 17 annos que não se confessava.”

E, D. José, a respeito daquele dia, ainda acrescenta:

“Às 11 horas partimos para aqui (Penha), pelo vaporsinho Jan, do Candell (!!!). Na praia deixamos um povo enorme que chorava e abanava os lenços em despedida. No vaporsinho, viemos, eu, Pes. Alberio, Herculano, Licínio, o Francisco, os snrs. Candell, Capitão Rodrigues, Pereira, mais um outro e diversos moços. Logo depois da saída o mar ficou tão grosso e tão agitado, que corremos verdadeiro perigo. Nunca tinha visto montanhas de água, tão grandes como hoje. Por terra veio muita gente, o Juiz de Direito, o Palumbo (o Boicário) muito amigo do Pe. João, o Tonico Liberato não veio, por que ficou doente com a viagem de hontem (a Cambriu) e muitos outros e cutras. Felizmente chegamos às 11 1/2, subimos á pé da praia até a residencia.”

Deixou, pois, D. José de Camargo Barros, a 11 de setembro as terras do Itajaí.

Já, no dia immediato, 12, permaneceu na Penha, a 13 seguiu da Penha para Barra Velha, a 14 de Barra Velha para Parati (hoje Araquari), permaneceu a 15 em Parati a 16 seguiu de Parati para São Francisco, de 17 a 20 esteve em São Francisco, seguiu a 21 para Joinville, onde ficou até 24 de setembro, a 24 viajou de Joinville para Campo Alegre e no dia 25 de Campo Alegre para São Bento, permanecendo nesta localidade 26 e 27, quando rumou para Rio Negro, terminando, assim, o périplo por terras catarinenses, nestá Visita Pastoral.

NOTAS:

- (1) Tal oportunidade devemos ao Sr. Wanderley dos Santos, Diretor do Serviço de Microfilmagem da Cúria Metropolitana de São Paulo, a quem, daqui, tributamos os nossos agradecimentos.
- (2) EISING — Pe. Antônio Eising — 1847/1921. Sobre ele veja-se BESEN, José Artulino. **O 4º. Vigário da freguesia de Brusque.** Brusque, SC. **Notícias de Vicente Só.** 2 (5): 6 — 10, jan. — março 1978.

HABITASUL É um nome que sugere poupança e que o blumenauense tem prestigiado com sua preferência porque acredita na garantia que oferece.
--

- (3) Pe. ALBERTO — Alberto José Gonçalves — sacerdote paranaense, alcançou o episcopado, sendo Bispo de Ribeirão Preto SP, 1908 — 1945.
- (4) Pe. MANARDI — Pe. Cleto Manardi SJ — Italiano, trabalhou em Nova Trento, SC, de 28.3.1892 a 3.4.1895.
- (5) JOÃO BAUER — nat. Baviera, 1848 e fal. em Brusque, 1931. Sobre ele veja-se: PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina: sua história**. Florianópolis, co-edição Edit. UFSC e Edit. Lunardelli, 1983, p. 419 — 421.
- (6) Dr. SÁLVIO — Dr. Sálvio Sá Gonzaga — nat. Pernambuco, formado em direito, radicou-se em Sta. Catarina, seguindo a magistratura, alcançando a Desembargadoria. Faleceu, em Florianópolis, 1957.
- (7) Pe. FREDERICO TOMBROCK — nat. Alemanha, 1864 e fal. 1957. Verbete biográfico em PIAZZA, Walter F. **A Igreja em Santa Catarina, notas para sua história**. Florianópolis, ed. Governo do Estado de Sta. Catarina, 1977. p. 307.
- (8) Dr. BLAYER — a grafia correta é BLEYER, referindo-se ao Dr. JORGE CLARKE BLEYER — Médico, Hanover, Alemanha, 1867, fal. Lages, SC, 1955. Dedicou-se à antropologia e à arqueologia. Sobre sua produção científica, veja-se: PIAZZA, Walter F. **As grutas de São Joaquim e Urubici**. Florianópolis, Universidade Federal de Sta. Catarina, 1966.
- (9) CARLOS RENOTH — vê-se que D. José não cuidava muito da grafia de nomes estrangeiros, pois o personagem citado é CARLOS RENAUX — sobre ele, veja-se: PIAZZA, **Santa Catarina: sua história**, cit. p. 429 — 432.
- (10) BARÃO DE BITNER — vale a mesma observação sobre a grafia de nomes estrangeiros!!!
- (11) HYPOLITO — refere-se ao Cel. Hipólito Boiteux, comerciante e político em Nova Trento, SC. Natural da cidade do Desterro, 1861 e fal. em Nova Trento, 1937.
- (12) Dr. BAPTISTA — Dr. Jerônimo Baptista Pereira Sobrinho — nat. Campos, RJ., 1865 e fal. Rio de Janeiro, 1918. Casou-se com D. Eulália Boiteux Baptista Pereira e são ós avós maternos do autor desta nota.
- (13) D. EDUARDO — D. Eduardo Duarte Silva — Nat. do Desterro, Bispo, primeiramente de Goiás e depois de Uberaba, MG. Sobre ele há um capítulo em PIAZZA., **A Igreja em Santa Catarina**, cit.
- (14) Pe. GABRIEL — Frei Gabriel Kroemer ofm. — Chegou ao Brasil, a 8.6.1893, juntamente com outros sete sacerdotes franciscanos, chefiados por frei Irineu Bierbaum ofm.
- (15) Pe. PASCOAL — Frei Pascoal Reuss ofm. — Chegou ao Brasil, acompanhado de Frei Ciriaco Hielscher ofm., a 10.7.1894.
- (16) Pe. ZENO — Frei Zeno Wollbroehl ofm. — Nascido a 30.7.1866, em Erpel, Colônia, Alemanha. Ingressou na Ordem dos Frades Menores a 4.10.1883, fez a profissão solene a

27.12.1887 e ordenou-se a 15.8.1891. Vigário de São Paulo Apóstolo de Blumenau, de 1892 a 1895, e, novamente, de 1898 a 1902. Vigário de São Pedro de Alcântara, de fevereiro de 1902 a fevereiro de 1903. Encarregado da paróquia de N. Sra. do Desterro (Florianópolis), na ausência de Mons. Francisco Topp, por provisão de 16.10.1905.

- (17) Pe. HERCULANO — Frei Herculano Limpinzel ofm. — Nasceu a 29.7.1866, em Niedermarsberg, Paderborn, Alemanha. Entrou para a Ordem dos Frades Menores a 29.5.1884, fez a profissão solene a 26.7.1888, sendo ordenado a 15.8.1891. Foi vigário de Blumenau, de 1895 a 1898.
- (18) CONDE DE HASSEBOURG — Evidentemente o registro do nome está estropiado. Deve o Autor do “diário” referir-se a Guilherme Assebourg ou a Feliz Russo Asseburg!
- (19) ANTONIO LIBFRATO — Nada encontramos a seu respeito. Deixamos aos itajaienses o preenchimento dessa lacuna!
- (20) PALUMBO — Refere-se ao tronco da família em Itajaí! Fica, como a nota anterior, aos itajaienses preencher esta lacuna.
- (21) MANOEL MARQUES BRANDÃO — Também, aos itajaienses, deixamos a complementação desta nota!
- (22) Pe. ALMEIDA — Pe. João Rodrigues de Almeida — Natural da freguesia de S. Pedro do Sul, Bispado de Viseu, Portugal, em 1830, filho de José Joaquim d’Almeida Dias e de D. Luisa Maria de Jesus. Ordenado em 1854. Veiu para o Brasil em 1857 e em 1859 para Sta. Catarina. Vigário da freguesia do SSmo. Sacramento de Itajaí, em 1859 — 1860, 1867, 1872 — 1873, e 1877 — 1894. Foi Vice-Presidente da Câmara Municipal de Itajaí. Vigário das freguesias do Senhor Bom Jesus dos Aflitos de Porto Belo, em 1867, e de N. Sra. da Penha de Itapocorói, em 1862. Deputado provincial em 1879.
- (23) MARCOS CANDELL — Outra grafia deturpada!!! Pelos elementos focalizados no texto do “diário” trata-se de Marcos Konder (sênior). Para melhores informações sobre ele, veja-se: PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: sua história*, Florianópolis, Edit. da UFSC — Edit. Lunardelli, 1983. p. 423 — 425.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

A História de Blumenau revela:

CARTA DE ROSE GARTNER, NATA SAMETZKI PARA SEUS AVÓS QUE RESIDIAM EM DRESDEN/SACHSEN - ALEMANHA

(Dos Arquivos Históricos da Baixa Saxônia)

“Blumenau, 15 de agosto de 1860.

Queridos Avós!

Espero que a carta os encontre bem de saúde. Fico contente em saber que agora estão bem de saúde. Aqui vivemos no meio da natureza, a ti meu avo certamente gostaria de passar aqui. A casa onde moramos é coberta de Palmito e palha é o seu lar. Sem janelas e sem assoalho. A uns 30 passos dela está a mata virgem e mais trinta passa o rio. É uma delicia passear no meio da mata virgem entre as mais belas flores, em volta dela o beija-flor esta voando. O chão está coberto de barações no qual muitas vezes corre-se o perigo de cair. Lá de cima das árvores estes barações enviam seus fios até o chão entre os quais os cipós, alguns deles chegam da grossura de um braço até um cordão fino. Deste cipó fizemos cordas que são mais forte que o de cisal. Com estes cipós amarramos as paredes das casas. Que passarinhos de cores e formas inimagináveis! Tangerinas, pessegos, mamão e outras frutas para nos deleitarmos no verão que chega a 30 e 32°. Naturalmente dos que gostam dos folguedos faltam. Mas também temos aqui. Eu danço ao som de um violino e um harmônio, onde na Alemanha se ouve orquestras e coros cada terra com seus costumes. Nossos trages são muito simples: os homens usam camisa azul com calça segurada com cinto no qual penduram um fação de dois palmos. Nós mulheres vamos com saias e blusas em geral descalça ou tamancos, naturalmente ficamos alegres. Nos dias de festas botamos nossas vestes da Alemanha e vamos para a igreja. No nosso pasto temos duas vacas e dois terneiros é uma grande fortuna aqui e meu cavalo Alazão que me leva aos domingos à igreja que fica uma hora distante ou lá para cima no Salto, e quando eu não posso ir de canoa até lá naturalmente os caminhos que andamos a cavalo é apenas uma picada. Porém meu cavalo que é muito seguro me leva sem perigo. Os bugres não precisa temer aqui com um tiro de espingarda os assusta logo. O que porém nos falta aqui

é a mão de obra, de pessoas que trabalhe. Um homem recebe por mês de dez a 20 mil réis. Uma empregada doméstica de oito a quatorze mil réis e além disso é difícil receber alguém. Nós trouxemos uma de lá, porém depois de dois meses ela se casou e agora estou sózinha. Minha mãe não pode trabalhar tanto os serviços no início principalmente a roupa me custava muito mas, agora já estou acostumada eu sou jovem e tenho força. Há cerca de duas semanas a garganta da mamãe ficou inflamada e saiu muita matéria e o médico disse que passará com o tempo, precisa descansar. DA CLIMATIZAÇÃO os sinais são: pés inchados e coceira na pele que irrita muito, eu sinto o mesmo que meus pais. Mas, agora já temos carpinteiro fazendo uma casa bonita para nós. Como eu estou contente porque ela tem janelas de vidros, porta e assoalho. A COMIDA: é em geral feijão preto, farinha e carne seca. Nós já procuramos modificá-la de outra forma. Fabricamos açúcar e cachaça. A maioria dos colonos fazem o mesmo, farinha e cachaça. O nosso pão é de milho, é muito gostoso. Ah! se vocês pudessem ficar aqui conosco e ver e provar o mesmo! Não se pode descrever tudo como é. Eu já podia ter casado várias vezes, mas ainda não tenho vontade. Os moços aqui é como pão fresco logo tem saída. A vocês a morte do bom tio Bastos me doeu muito, pobre da Alice, pena que eu não a conheço, mas apesar de ser desconhecida gosto muito dos meus tios primos e vocês em primeiro lugar. Muitas vezes penso, sonhando por exemplo a vinda do tio e família para cá como isto seria bonito! Lembranças em primeiro lugar a tia Lothe eu sempre imagino como ela será e também o tio Louis e tio Carl e todos eles. Se eu passasse por Dresden eu iria pagear os filhos da Tia Berta e os filhos da tia Ninna as crianças gostam de mim e trabalhar eu posso. Lembranças ao tio Hermann e sua jovem esposa lá em Lawenburg onde eu gostaria de estar porque lá há florestas. A vocês meus bons avós desejo que fiquem com saúde e que Deus vos guarde durante uma longa vida. Adeus.'

Deus guarde vocês; escrevam-me em breve.

Queiram bem a vossa neta que muito vos ama

Rose Sametzki

Lembrança de vossa neta Georg."

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

HEINZ HARTMANN

No dia 21 do corrente mês, a sociedade blumenauense foi surpreendida com a notícia do falecimento de uma das figuras mais estimadas e admiradas dos seus diversos setores sociais. Faleceu Heinz Hartmann.

Quem era Heinz Hartmann? — Os poucos que não o conheceram devem, ao ler esta notícia, fazer tal indagação. Pois bem, vamos resumir um pouco da muito extensa folha de serviços prestados por aquela estimada figura desaparecida às 14,30 horas do dia 21 de fevereiro.

Heinz Hartmann nasceu em 07 de junho de 1921 (63 anos). Estudou o quanto pôde de acordo com as condições que na época lhe permitiram. Trabalhou desde muito jovem. Uma das mais longas atividades desenvolvidas na sua mocidade foi a de auxiliar de farmácia, servindo na Drogaria e Farmácia Catarinense, em cuja atividade ficou conhecido como Heinz, o "Botica".

Mais tarde foi convocado para servir o Exército Nacional, tendo sido um dos muitos selecionados para integrar a Força Expedicionária Brasileira que lutou nos campos de batalha da Itália. Lá no palco da guerra, Heinz Hartmann, já ostentando a divisa de cabo, passou por muitos perigos e dificuldades. Além de outras especialidades, foi intérprete de português-inglês-alemão junto ao alto comando das forças brasilei-

ras. Regressou do palco da guerra em 1945 e integrou-se novamente à vida civil, retornando às atividades profissionais. Dotado de espírito comunicativo, inteligente e possuidor de uma admirável cultura generalizada, Heinz Hartmann ocupou sempre lugar de destaque no seio da sociedade blumenauense, participando de muitas de suas mais importantes atividades comunitárias e sociais no decorrer dos anos que o separaram daquele 1945. Foi um dos primeiros membros de Loja Maçônica "Justiça e Trabalho", da qual foi seu venerável mestre por diversas vezes, conduzindo-se sempre com sabedoria e equilíbrio, dando como lição o exemplo de sua conduta como cidadão e mais tarde chefe de família. Heinz Hartmann foi um dos quatro idealizadores do Bela Vista Country Club, fundado em 06/9/1962.

Como um dos seus idealizadores e portanto sócio-fundador, Heinz Hartmann, graças ao destaque que sempre grangeou entre seus amigos, e ainda pelas assertivas inteligentes de suas decisões, foi escolhido como o primeiro presidente do BVCC, por ocasião da 1ª. Assembléia realizada dia 24 de setembro de 1962, em cujo comando teve desempenho admirável, e, diga-se de passagem, não era fácil conduzir os destinos de uma sociedade recém-fundada e fazer desenvolver programa tão extenso e profundo como ara o BVCC. Mas Heinz Hartmann, cercado de nobres e dedicados amigos, soube conduzir os destinos do clube e deixá-lo ao final de seu mandato, em excelentes condições de seguir o roteiro traçado quando de sua fundação. Mais tarde,

Hartmann voltou à presidência do clube que tanto amava e amou, substituindo ao seu colega e grande amigo Augustinho Schramm e por este indicado. E então desenvolveu nova e profícua administração. A sua segunda gestão à frente do BVCC, deu-se a 3 de agosto de 1969.

Mas não foi somente no campo social que Heinz Hartmann alcançou destaque como cidadão dotado de excelsas virtudes de inteligência e equilíbrio. Ao ser fundado em Blumenau o Movimento Democrático Brasileiro - MDB -, Heinz Hartmann, que já possuía elevado espírito cívico e de brasilidade, integrou a lista dos primeiros correligionários, tendo, ao final da eleição do primeiro diretório do MDB, sido escolhido por unanimidade para dirigir os destinos da agremiação política, passando então a presidir a Executiva do Diretório, em cuja ação revelou mais uma vez o seu grande equilíbrio emocional e o elevado senso político, conseguindo com isso, arregimentar as forças políticas da oposição de maneira altamente unida que, graças a tal sucesso, obteve a eleição, para o executivo blumenauense, do primeiro prefeito do MDB, o então deputado estadual Evelásio Vieira.

No campo esportivo, Heinz Hartmann prestou assinalados serviços ao futebol blumenauense, atuando com muito destaque em várias administrações do Grêmio Esportivo Olímpico, clube de sua preferência e pelo qual muito fez e lutou.

Após alcançar merecida aposentadoria, Heinz Hartmann não deixou de trabalhar e seus últimos anos de vida foram marcados com eficiente atuação no campo da representação comercial, atividade que desenvolveu sempre com entusiasmo e elevado tirocinio até seus últimos dias de vida. Por isso que sua morte prematura resultado de um mal súbito, colheu, de surpresa, além de seus próprios familiares e amigos mais chegados, o grande número de amigos dos diversos círculos sociais blumenauenses. Faleceu com todas as energias que sempre possuiu e que tão bem sabia fazer sentir entre seus amigos. O seu sepultamento ocorreu no dia 22 de fevereiro no Cemitério de Comunidade Evangélica à qual ele pertenceu durante toda sua vida. Os amigos que souberam em tempo de seu falecimento lá estavam para prestar-lhe a última homenagem. A maioria dos seus amigos não se achava na cidade, época de férias e de praias e hoje, como nós que redigimos este resumido necrológico, lamentam não ter estado ao seu lado nos últimos momentos de sua vida.

Heinz Hartmann deixa viúva dona Jamile Hartmann, com quem era casado desde 19 de julho de 1952. A dona Jamile, restamos o consolo desta mensagem de saudades de seu esposo nosso amigo e o fazemos ainda em nome dos outros numerosos amigos que soube fazer durante os anos que viveu no seio da sociedade blumenauense.

Jose Gonçalves

VENDA DE LIVROS

A partir do dia 7 de março, quando a Biblioteca "Dr. Fritz Mueller" passará a, novamente, emprestar livros aos usuários registrados, serviço este interrompido com a trágica enchente de julho de 1983, também iniciaremos um trabalho de divulgação e oferta de todas as obras até aqui editadas pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", que serão colocadas à venda à entrada da nossa Biblioteca. Os resultados financeiros desta venda, reverterão em benefício de melhorias nas instalações internas da própria Biblioteca, cujo estado de conservação deixa muito a desejar, em parte sentindo ainda os efeitos da enchente do ano passado. Contamos com a colaboração de todos.

PERIÓDICOS EM LINGUA ALEMÃ JÁ FORAM MICROFILMADOS

Como resultado de convênios firmados entre a Fundação "Casa Dr. Blumenau" e a Fundação "Pró-memória", que contou ainda com a valiosa colaboração da Universidade Federal de Santa Catarina, foram microfilmadas as duas coleções completas dos periódicos em língua alemã — "Blumenauer Zeitung" e "Der Urwaldsbote", o primeiro iniciado em 1881 e o segundo em 1890. As gerações vindouras, portanto, não terão dificuldades em pesquisar as páginas desses jornais, pois as encontrarão sempre nos microfimes que estarão à disposição de todos no nosso Arquivo Histórico.

NOSSA HOMENAGEM A UMA ANIVERSARIANTE CENTENÁRIA

Dia 18 do corrente mês de fevereiro, dona Catarina van Wickersn completou 100 anos de feliz existência. Do seu casamento teve quatro filhos e duas filhas, sendo um já falecido. O registro de seu centenário de nascimento foi muito festejado e dona Catarina viu-se cercada do carinho e ternura de seus descendentes, entre os quais contam-se ainda quatro netos e nove bisnetos.

À nobre aniversariante, que é sogra do sr. Curt Jensen, "Blumenau em Cadernos", ao fazer este registro, envia os melhores votos de que sua vida se prolongue ainda mais, juntando a estes votos os efusivos parabéns extensivos a todos os seus familiares.

COMO PREPARAR O ESPÍRITO CÍVICO DAS CRIANÇAS?

J. Gonçalves

Não é saudosismo. É pura verdade, o que vou relatar nestas poucas linhas que restam para encerrar esta edição de "Blumenau em Cadernos".

Tenho bem nítida ainda hoje em minha lembrança, a forma pela qual os dois professores que me educaram dos seis aos quinze anos — Artur Reiser e Artur Fronza. Uma das suas maiores preocupações era a de dar forma física e cívica às crianças sob sua direção. Tanto assim que pelo menos três vezes por semana eram feitos exercícios físicos de ordem unida, corrida, jogos, etc... Era o propósito de seguir à risca o determinante "mens sana in corpore sano". Preparando o estado físico das crianças, esses professores também o faziam no sentido de proporcionar às crianças a assimilação com o sentimento cívico. E como o faziam? Simplesmente, todos os dias, cantávamos, ao entrar ou sair da escola um hino. Duas vezes por semana, a bandeira brasileira era solenemente hasteada por um aluno, enquanto que os demais cantavam o hino nacional. Isto acontecia em geral às quartas e aos sábados. Nos outros dias da semana, isto é, segunda, terça, quinta e sexta-feiras, cantávamos, ao entrar ou ao sair da escola, um dos hinos como: hino à bandeira (tanto numa quanto na outra tonalidade musical), o hino da Independência ou o hino da Proclamação da República ou então o hino de Santa Catarina. Sabíamos na "ponta da língua" todos os hinos que eram ensinados desde os primeiros anos de escola.

E garanto que se me perguntarem hoje, aos 64 anos de idade, se ainda consigo cantar todos estes hinos, respondo que sim.

E hoje, o que se faz no ensino em favor do aprimoramento do sentido cívico da criança? Não sei responder ao certo. Mas sei que não é aquilo que fazíamos na década em que estudei (1925-1935). Meus netos queixam-se de que quase não cantam na escola. Que hasteamento da bandeira com os alunos cantando o hino nacional é coisa rara (devia acontecer pelo menos duas vezes por semana); hino da Independência, hino à bandeira, Hino de Santa Catarina, eles desconhecem.

O aprimoramento do espírito cívico da criança em idade escolar deve estar intimamente ligado à história nacional e ao respeito e admiração aos nossos hinos, ao pavilhão nacional, à memória pátria enfim.

Temos, pois, que difundir mais o Hino Nacional, fazer trabalhos de análise sobre o conteúdo de suas notáveis estrofes, a mais bela mensagem de brasilidade, de sentimento pátrio, de patriotismo afinal.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

